

Um renovado chamado à santidade

Queridas irmãs,

penso que interpreto todas vocês ao dizer obrigada ao Papa Francisco pela Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate (GE)*. É a terceira Exortação, depois de *Amoris Laetitia* e a *Evangelii Gaudium*. Um verdadeiro presente providencial para todos os cristãos e para toda pessoa de boa vontade. Um chamado vocacional para empreender o caminho da santidade sem medo, com mais coragem. A Exortação foi recebida com alegria e entusiasmo no mundo todo, e também em nosso Instituto, por sua concretude e clareza, pela linguagem simples, aderente à cotidianidade e em sintonia com nossa missão salesiana: caminho de santidade com as jovens e os jovens que nos são confiados.

Tenho certeza de que muitas de vocês já têm em mãos a Exortação e fazem dela objeto não só de leitura, mas de aprofundamento, de oração e de partilha de vida.

Nesta circular, com simplicidade, ofereço-lhes algumas reflexões que surgiram em mim, depois de ter abordado este belo documento com *olhar e coração salesiano*. Descobri aspectos significativos em plena consonância com nossa espiritualidade, a ponto de dizer-me: esta é uma Exortação Apostólica que deve inspirar mais decisivamente o nosso caminho. Eu a senti como uma carta que o Papa Francisco dirige a você, a mim, a cada irmão e irmã, a cada jovem com a expressão familiar de “tu”. Esta proximidade é motivo de alegria, de encorajamento, de renovado compromisso de continuar o caminho da santidade na vida cotidiana com mais vigor.

Acolhendo as reflexões do Papa Francisco, evidenciarei a beleza do chamado universal para a santidade que é um dom de Deus para ser vivido em comunidade e para ser realizado na missão com os jovens e para os jovens.

O chamado universal à santidade

A Exortação Apostólica não pretende ser um tratado sobre a santidade, mas sim «fazer ressoar mais uma vez o chamado à santidade, procurando encarná-la no contexto atual, com seus riscos, desafios e oportunidades, porque o Senhor escolheu cada um de nós “para sermos santos e íntegros diante dele no amor” (Ef 1,4)» (GE,2).

São muitos os testemunhos que desde o início da história da humanidade nos encorajam a caminhar com perseverança rumo à meta que está diante de nós. Na carta aos Hebreus são lembrados Abraão, Sara, Moisés e outros ainda (cf Hb 11, 1-12). Estamos circundados também por tantos testemunhos reconhecidos como santos pelo martírio deles, pela oferta da vida até a morte, e pelo heroísmo de suas virtudes. Estes são os beatificados e canonizados. Mas o Espírito Santo não cessa de suscitar a santidade em todo o povo de Deus. Realmente «Deus quis santificar e salvar os homens não individualmente e sem laços entre eles, mas quis constituir com eles um povo, que o reconhecesse segundo a verdade e o servisse na santidade» (LG, 9).

É a santidade “ao pé da porta”, como a define o Papa, formada por pessoas que vivem perto de nós e que são sinais da presença de Deus ou, para usar uma outra expressão, “a classe média da santidade”. Mas quem são aqueles “do pé da porta” que habitualmente não entram nos parâmetros do pensamento comum?

Podem ser pais, homens e mulheres que trabalham e se cansam, doentes, religiosas idosas que continuam a sorrir. Aqui, reconhece o Papa Francisco, se vê a santidade da Igreja em caminho (cf *GE,7*).

Parece que queira dizer-nos que a santidade, à qual todos somos chamados, é coisa comum de todo dia, discreta, acessível a todos, que não exige garantias de pertença; por isso pode ser encontrada em toda parte, também fora da Igreja Católica e em lugares diferentes. Mesmo em pessoas fracas, frágeis, não perfeitas, mas que em meio a limites e quedas continuam a seguir adiante; pessoas que não se impõem por ações heroicas, mas que, cada dia, quase sem perceber, vivem o Evangelho, dão testemunho dele e, portanto, rendem graças a Deus (cf *GE, 3*).

A santidade entendida desta forma é para o Papa Francisco «o rosto mais bonito da Igreja». Mas como já foi destacado, ela está presente também fora da Igreja (cf *GE, 9*). A Exortação Apostólica retoma uma realidade amadurecida no Concílio Vaticano II e decisiva para cada pessoa: o chamado universal à santidade.

Deus não se cansa de nos lembrar que somos todos chamados à santidade: «Sejam santos, porque eu sou santo» (*Lv 11,44; 1 Pd 1,16*). É o que foi evidenciado com clareza no Concílio: «Todos os fieis de qualquer estado e condição são chamados pelo Senhor, cada qual pelo seu próprio caminho, a uma santidade cuja perfeição é aquela mesma do Pai Celeste» (*LG,11*).

São vários os modelos de santidade, mas o que conta é que cada fiel descubra o próprio caminho e faça surgir o melhor de si, conforme o que Deus colocou nele (cf *1Cor 12,7*). É interessante notar que são muitas as formas de testemunho lembradas pela Exortação Apostólica, entre as quais também o *gênio feminino*, que exprime estilos femininos de santidade, indispensáveis para refletir o rosto de Deus no mundo. O Espírito Santo, ao longo dos séculos, suscitou grandes santas que com seu fascínio provocaram novos dinamismos espirituais e reformas importantes na Igreja. Mas não podemos esquecer numerosas outras mulheres desconhecidas, acrescento também excluídas, que sustentaram e transformaram famílias e comunidades com a coragem do testemunho delas (*GE, 12*).

A santidade, para a qual o Senhor nos chama, cresce e se fortifica mediante pequenos gestos; às vezes enfrentando grandes desafios, que são um trampolim para lançar-se a novas conversões; outras vezes trata-se de viver de modo mais perfeito aquilo que já fazemos, em outras palavras, viver o momento presente plenificando-o de amor (cf *GE, 17*), como faziam nossas primeiras irmãs em Mornese, na escola de Madre Mazzarello. Se nos perguntassem: “Qual é o dia mais bonito?”. Deveríamos poder responder: hoje, porque é hoje o tempo que me foi dado para amar! Amar com a medida de Deus, na consciência de que isto exige abraçar as exigências do mistério pascal até o fundo. A santidade não é outra coisa senão a caridade vivida plenamente (cf *GE,21*).

Queridas irmãs, sentimo-nos encorajadas e entusiasmadas para acolher o dom de Deus que trabalha em nós e prosseguir no caminho rumo à santidade, colaborando com Ele e com determinação? É um caminho às vezes árduo, cansativo, mas possível quando o coração está aberto e se trata de um *caminho comunitário*, «espaço teologal no qual se pode experimentar a mística presença do Senhor Ressuscitado» (*Vita Consecrata, 42*). Nossas Constituições nos convidam a construir comunidade onde «todas juntas tendem à santidade» (*C 82*) e a percorrer com as jovens e os jovens o caminho da santidade (cf *C 5*).

A comunidade lugar para caminhar juntas na santidade

A abordagem da Exortação Apostólica suscitou em mim um incessante louvor ao Senhor pelo dom da santidade, derramado na Igreja, na Família Salesiana, em nosso Instituto.

Valdocco, Mornese: lugares onde a santidade era de casa, onde se fazia uma competição para realizar o sonho de Deus e fazer com que as sementes da santidade recebidas no Batismo brilhassem com nova luz.

Dom Bosco e Madre Mazzarello podem ser justamente considerados cinzeladores, artesãos de santos: adultos e jovens que enriqueceram a sociedade, a Igreja com seu testemunho crível, capaz de *ir contra a corrente*, até o martírio, se necessário. Eles escreveram uma página na história da Igreja que até hoje tem o odor de profecia, de esperança, de empreendimento evangélico.

Desde as origens, na simplicidade de Mornese, nossas primeiras irmãs encarnaram uma santidade “ao pé da porta”, para defini-la com palavras do Papa Francisco. Uma santidade concreta, discreta e realista, que, com sabedoria e coragem soube medir-se com desafios, dificuldades e inevitáveis contradições próprias do tempo, mas luminosa, jorrando alegria e criatividade apostólica. Madre Mazzarello tinha compreendido que não sozinha, mas *juntas como comunidade*, estava chamada a viver “uma existência transfigurada”, a ponto de criar, naquele pequeno e desconhecido povoado, um clima de frescor evangélico e de coragem missionária que alcançou vastos horizontes. Tinha compreendido não só a importância das palavras, ainda que úteis, mas da qualidade das ações: «A nós, religiosas, não basta salvar a alma, devemos nos tornar santas; e, com nossas boas obras, tornar santas muitas almas que esperam que nós as ajudemos. Coragem, portanto; depois de poucos dias de luta, teremos o paraíso para sempre» (*Carta 15,3*).

Juntas, portanto, como pessoas que buscam a verdadeira felicidade das jovens, dos jovens e querem ser, com otimismo e esperança, sinal do Amor.

Este *juntas*: realizado em Mornese por Filhas de Maria Auxiliadora e jovens, estendeu-se por todo o mundo e nos lembra, como destaca Papa Francisco, que a santificação é um caminho comunitário (cf *GE, 140*), até criar, como foi mencionado, aquele «espaço teologal no qual se pode experimentar a mística presença do Senhor Ressuscitado» (*GE, 142*).

É uma meta alta, sem dúvida! Estamos convencidas de que é possível alcançá-la com jovens, leigas e leigos, ou nos deixamos enfraquecer pelo cansaço, pela fragilidade, pela mentalidade individualista e por uma cultura que mantém distante Deus e Sua Palavra, porque “incômoda”?

Em minhas visitas, diversas na realidade, encontrei muitas Filhas de Maria Auxiliadora, pessoas jovens e adultos, que vivem a santidade do cotidiano com naturalidade, simplicidade e, em certas ocasiões, também com heroísmo, apoiadas por uma sensibilidade humana atenta às necessidades dos mais pobres. Irmãs e irmãos que sabem assinalar com gestos concretos a própria cotidianidade, provocando aquela “revolução” de ternura e de humanidade da qual todos sentimos grande necessidade. Reconheci neles um perfil evangélico bonito, expresso não em ações impressionantes, mas naquelas típicas da “espiritualidade feita de tantos pequenos detalhes diários”, no estilo de Jesus que convidava seus discípulos a estarem atentos aos particulares (cf *GE, 143*).

Uma comunidade que conserva e exprime pequenos gestos de amor, onde um cuida dos outros, onde juntos se cria um espaço evangelizador a largo respiro, torna-se lugar da presença do Ressuscitado que, passo a passo, a santifica segundo o projeto do Pai.

Queridas irmãs, este é o tempo para *ouvir com coração novo* o chamado para serem, não sozinhas, mas como comunidade educativa, pessoas capazes de renovar a luz, se fosse necessário, em nossas realidades, para que se tornem realmente, e com a força do Espírito Santo, um “espaço teologal”, onde se compartilha a Palavra e onde a Eucaristia celebrada junto nos transforma em comunidades santas e missionárias (cf *GE, 142*).

Penso que em muitas de nós pode surgir a pergunta: qual o caminho a ser feito hoje? A resposta nos é oferecida pelo Papa Francisco, dirigindo-se não somente à vida consagrada, mas a todos, porque todos somos chamados a sermos santos: nas ocupações de cada dia, nos compromissos de vida familiar e social, no exercício de responsabilidades políticas, culturais e econômicas, com atitudes de amor e de serviço, como ocasiões para viver em plenitude o Batismo e a santidade evangélica (cf *Regina Coeli, 29 de abril de 2018*).

O caminho é o das *Bem aventuranças*, que são a carta de identidade do cristão e, sem dúvida, de cada consagrada e consagrado. Nelas se delinea o rosto de Jesus que estamos chamados a fazer transparecer em nossos dias (cf *GE, 63*). Realmente, na profissão religiosa cada uma de nós se compromete a «viver com radicalidade as bem aventuranças do Reino» (C 10).

As Bem aventuranças são *oito pistas* para escalar o alto cume da santidade. Caminhar nestas veredas exige a coragem de assumir atitudes diversas quanto ao estilo de vida habitual na sociedade. Por isto, somente se o Espírito Santo nos invadir com toda a sua força e nos libertar do egoísmo, da preguiça, do orgulho é possível vivê-las (cf *GE, 65*).

O Papa nô-las propõe uma após outra, com coração de Pastor, conhecedor do espírito humano e fiel às expectativas do Senhor com relação às suas criaturas. Há passagens concretas e claras: a *pobreza de coração* que requer austeridade de vida; em um mundo onde são comuns os conflitos, contrapor humilde *doçura*; enquanto o “mundano vira para o outro lado”, deixar-se tocar pelo

sofrimento de irmãos e irmãs e ter por eles compaixão. Quando a corrupção reparte o “bolo da vida”, *ter fome e sede de justiça*. Desde *agir com misericórdia* e saber perdoar, a manter um coração distante do que pode arruinar o amor para com Deus e os irmãos. Ser semeadores de *paz* e de amizade solidária com sensibilidade, serenidade e criatividade. Saber aceitar também as *perseguições*, porque a fidelidade às exigências das Bem aventuranças pode ser coisa mal vista, suspeita, ridicularizada. Por outro lado, não se deve esperar que quem vive radicalmente o Evangelho encontre tudo favorável a seu redor (cf *GE, 91*).

O Santo Padre continua então apresentando algumas características da santidade tão queridas a ele, que encontramos em nossa espiritualidade: a doçura, a paciência, a alegria e o humor, a audácia e o fervor no entusiasmo evangelizador, que deixa um sinal neste mundo, às vezes árido, indiferente mas também sempre amado por Deus e aberto a uma mensagem de esperança.

É um caminho espiritual que pede para ser ritmado por *leitura orante* até chegar à *contemplação*. Neste ponto Papa Francisco faz perguntas que tocam nossa vivência e que compartilho com vocês: «Há momentos em que você se põe à sua presença [de Cristo] em silêncio, permanece com Ele sem pressa, deixa-se olhar por Ele? Deixa que o fogo dele inflame o seu coração? [...] De outro modo, como poderá você inflamar o coração dos outros com seu testemunho e suas palavras?» (*GE, 151*). Somente agarradas a Ele nossas comunidades encontram a coragem de colocar o carisma a serviço dos jovens e com os jovens percorrer o caminho alegre da santidade.

Na missão floresce a santidade juvenil

A Exortação Apostólica repete com frequência que o chamado à santidade é para todos, ninguém excluído. Certamente neste todos estão incluídos os jovens que estão no centro dos pensamentos, do amor e das atenções do Papa Francisco; da sua determinação de torná-los protagonistas ativos, construtores de uma nova humanidade, incitando-os a serem os “santos do nosso tempo”. A este respeito é significativa a escolha do Sínodo 2018 sobre os jovens: *Jovens, fé e discernimento vocacional*.

É tarefa da comunidade eclesial e de cada comunidade educativa ajudar os jovens a se sentirem envolvidos pelo olhar de Jesus, provocados por sua voz, que chama a se porem a caminho, a *sair* para construir uma sociedade mais justa e fraterna, segundo o desejo que os mesmos jovens trazem no coração. Mas é preciso que sejam acompanhados por pessoas sábias, disponíveis e capazes de dirigi-los, apoiá-los e, especialmente, contagiá-los com o testemunho de uma vida crível e feliz.

O objetivo da nossa missão é justamente o de favorecer o encontro dos jovens com o Deus da vida, com Jesus, que assumiu fragilidades e sofrimentos, alegrias e esperanças e leva a plena realização os sonhos de felicidade da qual os jovens estão sedentos.

A missão vivida no espírito das Bem aventuranças faz florescer a santidade nas comunidades e favorece ao mesmo tempo a santidade juvenil. Da experiência feita nos encontros com várias comunidades educativas encontrei confirmação da importância do ambiente, como condição indispensável para o contágio da santidade nos jovens e para o surgir de novas vocações. A santidade é algo de fascinante, atraente, acessível que preenche o coração deles e o dispõe para o serviço aos outros. É um apelo para se libertar das comodidades do *divã* e a não estar na *janela*, como muitas vezes lembra Papa Francisco, para abrir os olhos e o coração para quem está na necessidade, espera uma palavra de esperança e gestos de humanidade.

Encontrei muitos jovens sensíveis para empreender este caminho. Talvez esperem alguém que lhes lance uma proposta explícita, convincente, alegre de santidade. Pode ser que esta proposta faça desabrochar neles recursos de bem insuspeitáveis, escondidos.

O Espírito Santo age silenciosamente também no coração de jovens que aparentemente parecem distantes, indiferentes, talvez até hostis; àqueles expostos a um *zapping* constante, como evidencia o Papa (cf *GE, 167*). Como educadoras não devemos nunca desesperar, porque a nossa missão é fecundada pelo Espírito Santo, que nos interpela a sermos santas, pessoas de esperança, abertas a um futuro habitado por Deus. Não nos deixemos tomar pela tentação de que apresentar aos jovens a beleza da santidade seja anacronismo, ou um fato extraordinário. Oferecer *metas altas de vida*

responde às profundas aspirações do coração, que não gosta de permanecer na mediocridade, no escuro de uma existência sem sentido. Não os desiludamos!

Queridas irmãs, estamos convencidas de que é parte essencial da nossa missão caminhar com os jovens na santidade? Acreditamos que cada jovem tem potencialmente a possibilidade de alcançá-la e que ela é congenial a eles porque é caminho para a verdadeira felicidade?

Voltando a visitar Valdocco e Mornese se descobre como a santidade juvenil foi uma das grandes intuições de Dom Bosco e de Madre Mazzarello.

Em Valdocco os jovens que chegavam ao Oratório logo eram aproximados, acompanhados, compreendidos em sua realidade: Domingos Sávio, Francisco Besucco, Miguel Magone, que hoje definiríamos um marginal, e tantos, tantos outros. Com eles e para eles, com modalidades diferentes, era proposto um caminho de santidade juvenil, com o rosto da satisfação, da alegria, do otimismo realista e do dom de si. De tal forma que os próprios jovens se tornavam acompanhadores de outros jovens.

O mesmo acontecia em Mornese com *milagres de transformação interior* que muitas vezes provocavam nas jovens uma mudança de vida e, mais ainda, o acolhimento do convite de Jesus para segui-lo com radicalidade evangélica. Outros tempos? Certamente! Mas a verdade é que o coração dos jovens conserva em todos os tempos as mesmas aspirações, sonhos e expectativas: é um coração aberto a grandes horizontes, escancarado para a ternura do amor de um Pai que crê neles e não os desilude.

Então, queridas irmãs, o que pode haver maior do que nossa missão, se não a consciência de que todos somos chamados a ser educadoras e educadores de santidade, em uma realidade como esta atual, sempre mais sedenta de Deus?

Neste tempo de Pentecostes, faço minhas as palavras do Papa Francisco na conclusão da Exortação Apostólica: «Peçamos ao Espírito Santo infunda em nós um desejo intenso de sermos santos para a maior glória de Deus e animemo-nos uns aos outros nesse propósito. Assim, compartilharemos uma felicidade que o mundo não nos poderá tirar».

Acolhamos com humildade de coração e com alegria este convite para fazer resplandecer em nós, nas jovens e nos jovens, em nossos ambientes a santidade “ao pé da porta”, vivida no espírito das Bem aventuranças.

Confiemo-nos a Maria, ela, a santa por excelência, a bendita, ela que viveu como ninguém as Bem aventuranças de Jesus, nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha sempre nesse caminho.

Deus as abençoe,

Roma, 24 de maio de 2018

Aff.ma Madre

Ir. Yvonne Reungoat

Nuove Ispettrici 2018

Ispettorica “Sacro Cuore”
Suor Cruz María PIÑA

America
ECU

Ispettorica “Mater Ecclesiae”
Suor Alphonsa KURISINKAL

Asia
ING

Ispettorica “Cuore Immacolato di Maria”
Suor Elizabeth T. GEORGE

INS

Ispettorica “S. Giovanni Bosco”
Suor Monika SKALOVÁ

Europa
SLK